

## Desmatamento provoca anomalias genéticas e a morte de macacos

Sérgio Adeodato

O desmatamento na Amazônia e na Mata Atlântica está confinando macacos em áreas de florestas isoladas, provocando a troca de genes entre elementos de um mesmo grupo. O resultado é o nascimento de filhotes com anomalias genéticas que impedem sua sobrevivência na selva. Os macacos mais atingidos são o *Chiropotes satanas*, o popular cuxiú, da margem direita do Rio Tocantins, no Sul do Pará, os sagüis e o mico-leão-dourado da região Sudeste.

A advertência foi feita pelo pesquisador Marcos Malacco, do Centro Nacional de Primatas, de Belém, durante o 1º Congresso Mundial de Animais de Laboratório, que se realiza em Caxambu (MG). "Entre as várias anomalias, está a deformação da arcada dentária, que deixa os macacos dentuços, impedindo que comam os frutos indispensáveis à sua sobrevivência", ressalta o cientista. A consanguineidade, causada pelo cruzamento de indivíduos de um mesmo grupo, também provoca o aparecimento de hérnia abdominal, a deformação dos ossos e o nascimento de macacos aleijados, com cabeças enormes, que muitas vezes provocam a morte da mãe durante o parto.

"Essa relação entre desmatamento e malformação de macacos é uma conclusão lógica, já verificada na África e também em criações de animais em cativeiro", explica Marcos Malacco. Em condições normais, na floresta ainda não devastada, os macacos jovens, quando começam a competir sexualmente com os adultos do grupo, são rejeitados pelos dominantes mais velhos e ficam na periferia da área. Acabam encontrando outros grupos que passam ao lado e muitas vezes são aceitos na nova família, passando a cruzar com as fêmeas, trocando genes de seu grupo anterior com o novo.

Com o isolamento em ilhas de floresta criadas pelo desmatamento, os macacos ficam sem a opção natural de cruzar com outros grupos da mesma espécie. "A tendência desses grupos é desaparecer, porque os filhotes com anomalias acabam morrendo de fome porque não conseguem mamar ou se agarrar na mãe", conta o cientista. Segundo ele, o problema é mais grave na região de Paragominas, no Sul do Pará, com o impacto provocado pelos projetos agropecuários, a hidroelétrica de Tucuruí e o projeto Grande Carajás.

**Sobrevivente** — A única espécie que vive nesse local é o macaco cuxiú, ameaçado de extinção, que ocupa grandes áreas, pulando pelas copas das árvores, a cerca de 25 metros de altura, em busca de frutos verdes. Para quebrar esses frutos duros, esses macacos têm uma estrutura dentária muito resistente. "São capazes de quebrar a casca da castanha do pará verde com os dentes, tarefa que o homem só consegue com uma facão ou um machado", enfatiza Marcos Malacco, ao lembrar a deformação de arcada dentária desses animais é fatal.

Como essa espécie se reproduz facilmente em cativeiro, os técnicos do Centro Nacional de Primatas estão criando em gaiolas três grupos, recolhidos das matas com o enchimento do lago de Tucuruí. A idéia é cruzar indivíduos da mesma espécie encontrados em áreas diferentes, evitando a troca de genes entre uma mesma família.



Devastação no Sudeste ameaça o mico-leão-dourado